

AULA INAUGURAL DE 1966

EDUARDO KNEESE DE MELO

Venho hoje cumprir ordens do Senhor Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de S. Paulo, Professor Pedro Moacyr do Amaral Cruz, com a honrosa incumbência de falar aos estudantes nesta aula inaugural de 1966, especialmente aos novos alunos que acabam de vencer uma luta titânica, em que quatrocentos e sessenta candidatos disputaram as quarenta vagas, as quarenta minguadas vagas, que a F.A.U., deficientemente instalada no Palacete Penteado, pode oferecer à mocidade paulista que deseja estudar arquitetura.

Constato com alegria especial a disputa desses poucos bancos vagos, por uma multidão de pretendentes, porque sou do tempo em que havia apenas um, dois ou três alunos em cada nova turma e as nossas aulas eram dadas em cursos de arquitetura de escolas de engenharia e os nossos diplomas eram de engenheiro arquiteto, porque a profissão do arquiteto era desconhecida e menosprezada, entre nós.

Constato com grande alegria o entusiasmo desses jovens que estudam demoradamente e com afinco, para vir aqui lutar pela obtenção de sua matrícula nesta escola, porque confio na mocidade brasileira e estou certo de que estes quarenta rapazes e moças, como aqueles que já aqui estavam, não de elevar sempre mais, o prestígio da Cultura Brasileira.

Confio no cumprimento do compromisso assumido obviamente por aqueles que se matricularam, perante os quatrocentos e tantos outros jovens que desejavam estudar aqui e não o conseguiram desta vez. Compromisso de levar até ao fim do curso e, depois em toda a sua vida profissional, o entusiasmo, a dedicação ao estudo e o seu talento, que permitiram sua vitória nos vestibulares.

Parabéns aos recém-chegados futuros arquitetos.

Quando a gente deseja conhecer um povo qualquer do passado, sua maneira de viver, seus costumes e, especialmente sua cultura, encontra nas obras que esse povo construiu, na sua arquitetura, o maior manancial de informações (v. foto 1).

"Arquitetura é o espelho dos tempos", no dizer de Le Corbusier (v. foto 2).

As proporções sublimes do Partenon, a beleza incomparável de toda a Acrópole de Atenas refletem a sabedoria dos filósofos gregos, a cultura de um Platão ou de um Aristóteles (v. foto 3).

A mesma sensação sentimos ao admirar as colunas do Templo do Zeus Olympicus, o maior templo ateniense, com apenas umas poucas colunas de pé, para que possamos avaliar sua perfeição. Ou as ruínas do velho templo da península de Sunion.

As Têrmas de Caracala nos contam os costumes da velha Roma. Seus imensos salões. O tepidarium. O Frigidarium. Aí se reunia a sociedade romana. Era o grande centro das "focacas" sociais (v. foto 4).

O Coliseu retrata o barbarismo da sociedade decadente, as lutas dos gladiadores, matando-se uns aos outros para divertimento de imperadores e do povo brutalizado.

E as colunas do Forum de Trajano parecem estar nos ensinando o Direito Romano (v. foto 5).

Quem visita Paris e tem a felicidade de assistir a uma festa do som e da luz, no Palácio de Versailles, tem a impressão de que toda a história da França está impregnada naquelas paredes, naquelas pinturas, naqueles jardins (v. foto 6).

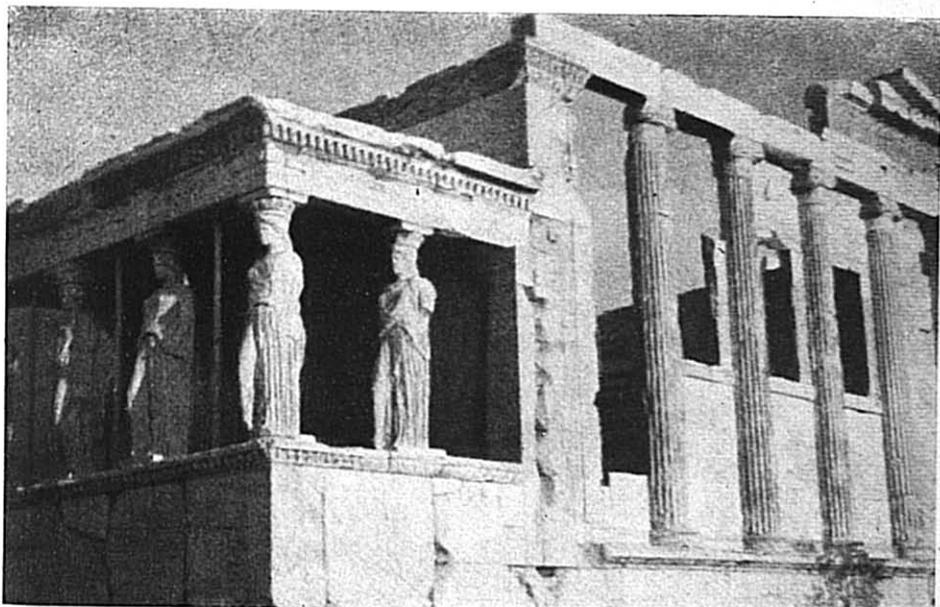
As vezes, parece até que se pode ver Maria Antonieta debruçar-se ao balcão de seus luxuosos aposentos (v. foto 7). E nada é melhor exemplo da afirmação do mestre Le Corbusier, "arquitetura é o espelho dos tempos", retrato da cultura de um povo, do que os Campos Eliseos, com seus jardins, suas estátuas, suas fontes, suas avenidas majestosas, suas perspectivas, lembrando a figura ímpar do Barão George Eugene Hausmann.

A Torre Eiffel, símbolo de Paris, escultura gigantesca ao lado do Sena, é o marco da nova era que chega. A do Ferro, da Máquina, da Indústria.

Felizes são os povos que conseguem construir suas cidades, seus monumentos, suas casas, com verdadeira arquitetura, com a arquitetura que Lúcio Costa define:

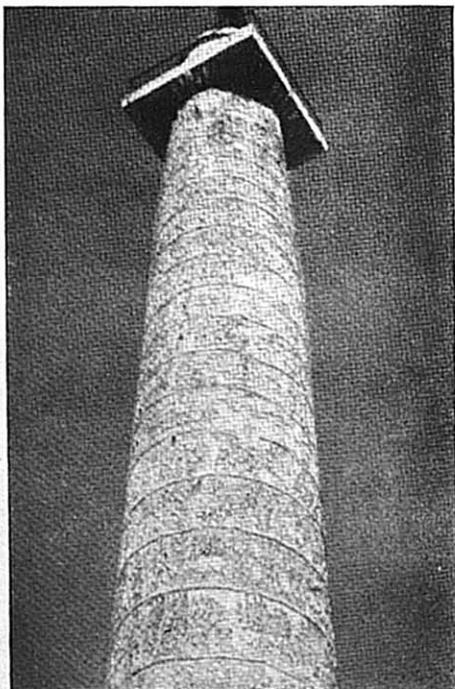


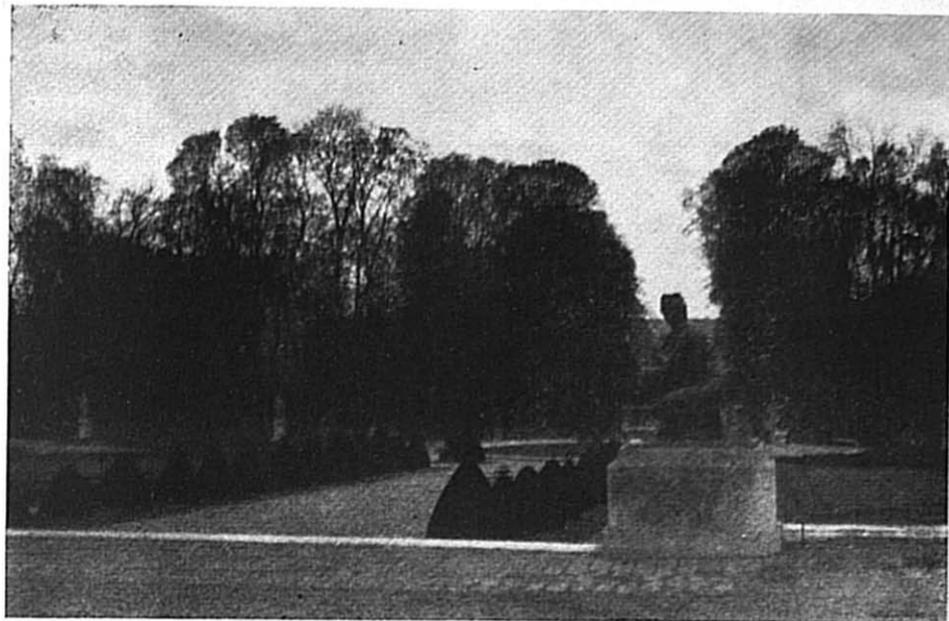
Fotos 1 e 2



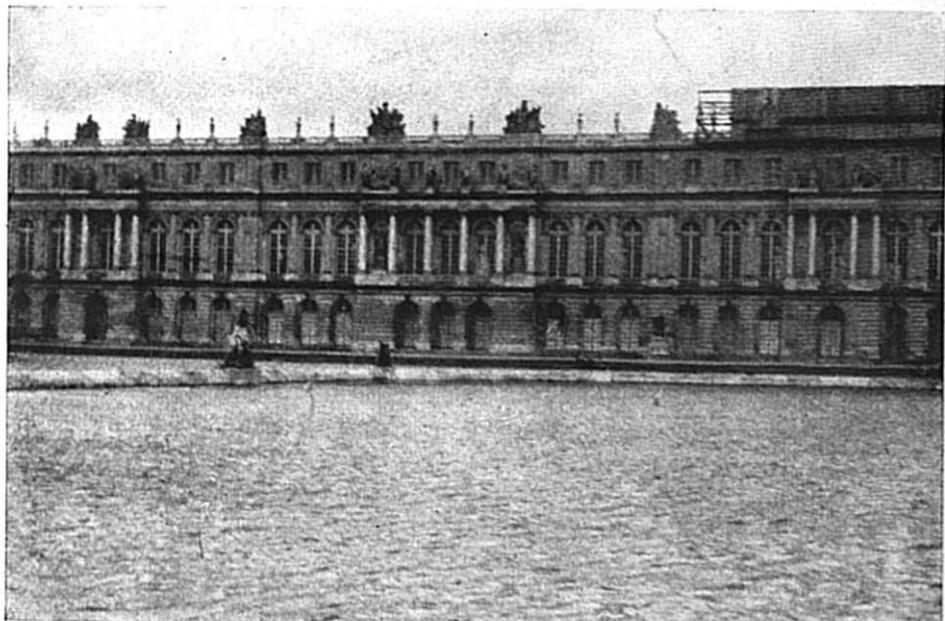


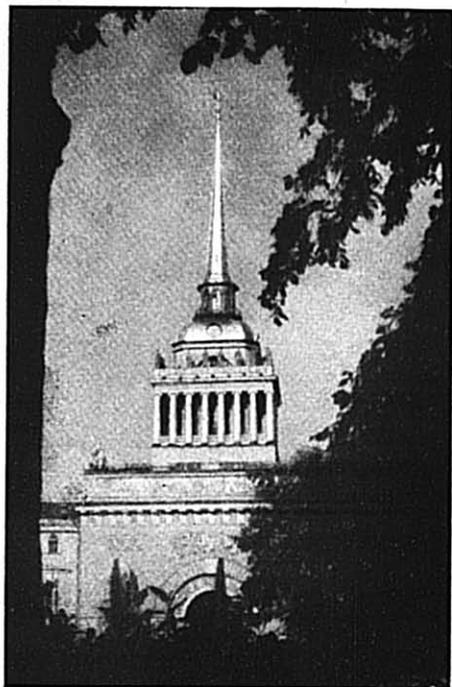
Fotos 3, 4 e 5





Fotos 6 e 7





Fotos 8, 9 e 10

“Construção concebida com uma determinada intenção plástica, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de um determinado material, de uma determinada técnica, de um determinado programa.”

Leningrado foi construída “com uma determinada intenção plástica.”

A Catedral de Santo Isaac, o Palácio do Almirantado, a Igreja de S. Pedro, S. Paulo, dentro de um forte, às margens do rio, o palácio real, suas ruas, seus canais e o majestoso Rio Neva formam um conjunto plástico bellissimo (v. foto 8).

Um arquiteto russo confessou-me: “Pedro o Grande foi um tirano que oprimiu o povo, mas, não se pode negar que deixou obras que são hoje nosso orgulho.” (v. foto 9).

Durante a última grande guerra, a cidade foi cercada e ininterruptamente bombardeada pelas tropas de Hitler. Morreram durante o cerco trezentos arquitetos de fome e de frio. Apesar disso, ainda cercados e bombardeados, os arquitetos reuniam-se para estudar e planejar a reconstrução da cidade (v. foto 10). É que a antiga São Petersburgo tem um pouco mais do que simples construções (v. foto 11). Foi “concebida com uma determinada intenção plástica.” Porisso, é capaz de conquistar o amor e o respeito de seus moradores.

Entretanto, os conjuntos de habitação popular que estão sendo feitos hoje, na mesma cidade, são frios, incapazes de atrair alguém, de fixar alguém.

São apenas utilitários.

Nova York é a cidade símbolo do “rush” descontrolado do progresso material do século XX. Cresceu demais, perdeu a escala humana (v. foto 12).

A gente tem a impressão de asfixia entre aqueles muros formados por prédios de oitenta, cem andares, que comprimem as ruas estreitas e aniquilam o minúsculo ser humano que as percorre.

Washington é totalmente diferente. Foi concebida pelo arquiteto francês Pierre L'Enfant, “com uma determinada intenção plástica”. É uma cidade feliz, onde o homem é que determina a dimensão das coisas e, dentro do centro urbano, movimentado, vive em contato direto com a Natureza (v. foto 13).

As ruas passam por cima — sobre viadutos — das matas naturais do Parque Rock Creek. E, lá embaixo, indiferentes ao trânsito intenso de automóveis e corre-corre da cidade moderna, podem ser vistas mças

passeando a cavalo, ou jovens, desligados de seus afazeres diários, pescando calmamente, às margens do riacho bucólico.

Do Monumento de Lincoln, avista-se o Capitólio e o Obelisco de Washington. Um eixo monumental de grande efeito (v. foto 14).

Os espanhóis conquistaram o México.

Encontraram ali um povo de respeitável cultura, que construía seus monumentos e seus palácios, "com determinada intenção plástica" (v. foto 15).

Tôda a cultura dos maias está estampada nas paredes de pedra trabalhada em desenhos geométricos ou de brasões de sua nobreza ou representando animais ferozes, no imponente palácio real de Uxmal e nas pirâmides ou nas quadras de jogo da bola, em Chitcheen Itsa, na península de Mérida (v. foto 16).

No alto dos Andes, no Peru, o testemunho de outras culturas pré-colombianas está nas pedras imensas da Fortaleza de Saahuaman, baluarte protetor de Cuzco, a capital do Império do Sol. Pedras imensas, assentadas umas às outras, a sêco, com encaixe perfeito, embora tôdas elas sejam diferentes entre si (v. foto 17).

Algumas dessas pedras chegam a alcançar dez metros de altura, por cinco de largura e três de profundidade.

Em Matchu Picchu, o pico altíssimo que se levanta quase a prumo, lá do fundo do Vale do Urubamba, pedras grandes, trazidas lá de baixo, de grandes distâncias, e assentadas e trabalhadas com absoluta perfeição, retratam a tenacidade desses povos gigantes, que aqui estavam quando o europeu chegou. Para plantar o milho, seu principal alimento, o inca construía plataformas na montanha íngreme, sua única terra fértil (v. foto 18).

Esses povos extraordinários, que construíram canais subterrâneos para a irrigação dos grandes desertos, que conheciam os astros, que costumavam fazer trepanações de cérebros, que causam admiração aos médicos de hoje, esses povos nos contam sua história fabulosa, através de sua arquitetura, "concebida com determinada intenção plástica, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de um determinado material, de uma determinada técnica, de um determinado programa".

Cabral não encontrou, na Terra de Santa Cruz, uma raça culta como a dos incas. Encontrou o nosso índio primitivo e inculto (v. foto 19).

Suas ocas de tronco roliços e fôlhas de palmeiras, sempre iguais, quase que instintivas, nos falam do atraso cultural em que viviam (v. foto 20).

O engenho com a casa grande, a igreja, a moita, a senzala é o reflexo da sociedade escravocrata, semifeudal do ciclo da cana de açúcar (v. foto 21). O patrão era o dono da terra, dono da plantação, dono do escravo. Podia bater e podia matar. Quando sua filha, a sinhazinha do engenho, atingia 13 anos de idade era apresentada pelo pai, ao seu noivo, que ela nunca vira antes. A moça brasileira de hoje, frequenta as Universidades (v. foto 22). Estuda Arquitetura. Mora nos alojamentos da Cidade Universitária quando seus pais residem no Interior. Trabalha lado a lado com os homens. Sua educação moderna, sua cultura deram-lhe uma independência que a sinhazinha não poderia ter. Casa com quem quer e quando quer. Substituiu a liteira pelo Volkswagen. É aeromoça. Hoje em S. Paulo, amanhã em Paris. Depois Nova York. Sôzinha. Sua casa tem que ser totalmente diferente da casa da sinhazinha do engenho. Diferentes funções, diferentes meios, diferentes materiais, diferentes técnicas, diferentes programas.

As casas rurais do planalto paulista, dos séculos XVII e XVIII têm uma longa história a contar, nas suas paredes de taipa de pilão e seus telhados recurvados à maneira oriental (v. foto 23). Varanda na frente, com o quarto de hóspedes de um lado e a capela, do outro (v. foto 24). A igreja é parte inseparável da vida da família. O hóspede tem quarto, mas é lá fora. Não penetra na intimidade da casa. O grande salão não tem fôrro. É de telha-vã. O piso é de terra socada.

Simplicidade é o traço comum. Simplicidade igual à do homem rude que invade o sertão à procura de esmeraldas ou à caça do índio (v. foto 25).

A Igreja de S. Francisco de Assis, de Vila Rica, ao contrário da casa bandeirista, ostenta riqueza. É o ponto alto da arquitetura mineira do ciclo do ouro (v. foto 26).

O mulato Antônio Francisco Lisboa, o maior nome das artes coloniais, deu nova forma à igreja barrôca e fundiu num só monumento arquitetura, pintura e escultura. Seu "determinado material" é a pedra sabão. Sua intenção plástica conseguiu soluções belíssimas.

Um dia, um arquiteto francês, meu amigo, professor de arquitetura em Paris, confessou-me o seguinte: "Não compreendo como pode ser que, um país como o Brasil de cultura tão nova, possa produzir uma arquitetura tão avançada, mais avançada que a nossa, que somos um país de inegável e aprimorada cultura de séculos e séculos. Meus alunos copiam arquitetura brasileira" (v. foto 27).

Aparentemente, esse fato poderia destruir a afirmação de que "a arquitetura reflete a cultura de um povo".

Mas, não podemos considerar meia dúzia de obras que se tornaram internacionalmente famosas, como retrato da cultura brasileira (v. foto 28). Ao mesmo tempo em que se constrói o edifício do Ministério da Educação (v. foto 29) que é considerado uma obra clássica de arquitetura contemporânea ou se levanta o ginásio do Clube Atlético Paulistano, primeiro prêmio internacional da Bienal de S. Paulo, ou arquitetos brasileiros vencem o concurso Peugeot, em Buenos Aires, contra centenas de projetos de todo o mundo, ao mesmo tempo em que se constrói Brasília, considerada a cidade do século, a maioria do povo brasileiro vive em condições sub-humanas, em favelas imundas, em cortiços, em mucambos, em palafitas.

Para que aqueles admiráveis exemplos da arquitetura brasileira pudessem representar a nossa cultura, seria necessário que esses outros exemplos, as favelas e os cortiços, deixassem de existir e os cinquenta por cento de analfabetos também desaparecessem (v. fotos 30 e 31).

Cabe aos arquitetos uma grande responsabilidade na luta pela elevação do nosso nível cultural médio.

O que as futuras gerações vão pensar de nós, depende do que vocês vão aprender nesta faculdade e do que vocês vão produzir na sua vida profissional.

Se fôssemos dar notas às cidades, de acordo com o que elas têm de bom ou de mau, para podermos classificá-las e conhecermos, assim, o nível médio do valor das cidades brasileiras, certamente daríamos nota dez a Brasília (v. foto 32).

E a S. Paulo, que nota poderíamos dar? Que nota merece a intolerável situação do tráfego paulistano? E o seu calçamento? E a deficiência de seus serviços públicos? E o seu crescimento explosivo, que deveria ser o nosso orgulho, mas que continua desorientado, sem qualquer planejamento? E às condições de habitação desta cidade? Poderíamos dar mais do que zero a cada um desses aspectos paulistanos?

Declarei no início desta aula que confio na mocidade brasileira. Confio nas novas gerações de arquitetos que não de melhorar a nossa média baixa e que não de fazer desaparecer os muitos zeros que ainda merecemos, "construindo com uma determinada intenção plástica, em função de um determinado meio, de um determinado material, de uma determinada técnica, de um determinado programa."

Então, a cidade representativa da Cultura Brasileira há de ser a grande cidade, como a entende o poeta americano Walt Whitman, nestes versos que o professor Jairo Quintanilha traduziu:

ONDE A GRANDE CIDADE SE ERGUE

O lugar onde a grande cidade se ergue, não é o lugar dos cais estreitos, das docas, das manufaturas, dos depósitos ou, simplesmente dos produtos.

Não é o lugar das saudações incessantes, nem o dos recém-chegados, nem o dos navios que partem.

Não é o lugar dos mais altos e custosos edifícios ou lojas que vendem o produto do resto da terra.

Não é o lugar das melhores livrarias e escolas, nem onde o dinheiro circula em abundância.

Nem o lugar da população mais numerosa.

A grande cidade se ergue onde se erguem as mais robustas gerações de oradores e poetas.

Onde não existem monumentos a heróis, exceto nas palavras e nas ações comuns.

Onde o lucro e a prudência estão no seu lugar.

Onde os homens e as mulheres cuidam alegremente das leis.

Onde não existem escravos nem donos de escravos.

Onde a população se levanta a um só tempo, contra a desenfreada audácia dos eleitos.

Onde as crianças são ensinadas a fazer leis por si mesmas e delas dependerem.

Onde a lealdade é cultivada nos negócios.

Onde as especulações do espírito são encorajadas.

Onde as mulheres caminham com os homens, nas procissões públicas e nas ruas.

Onde elas podem participar das assembleias e ocupar como os homens, todos os lugares.

Onde se ergue a cidade dos mais fiéis amigos.

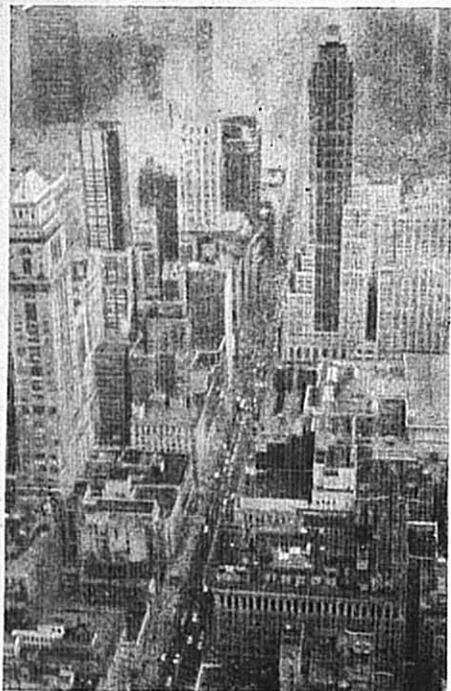
Onde se ergue a cidade da higiene sexual.

Onde se ergue a cidade dos pais sadios e das mães saudáveis.

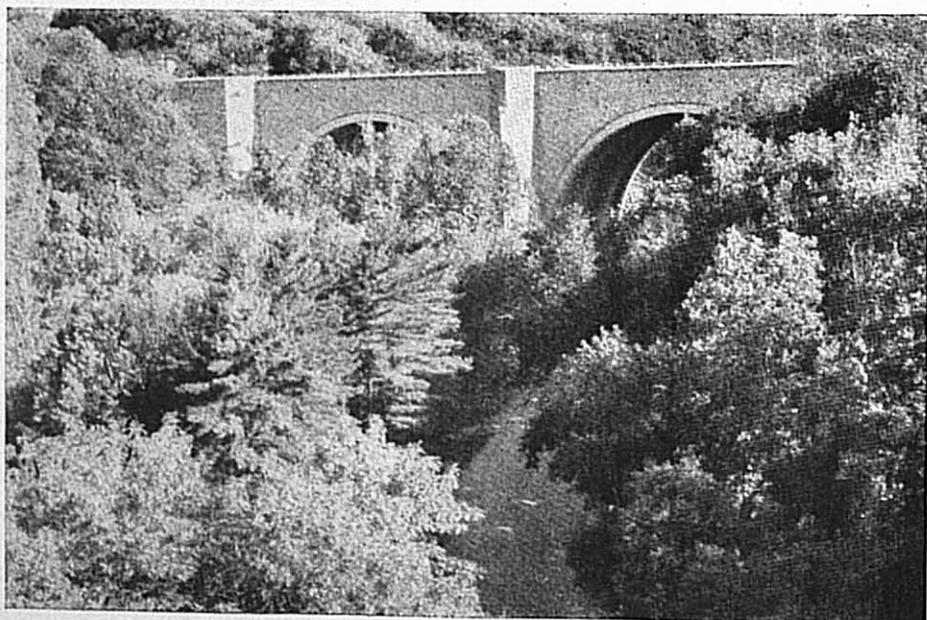
Aí, a grande cidade se ergue...

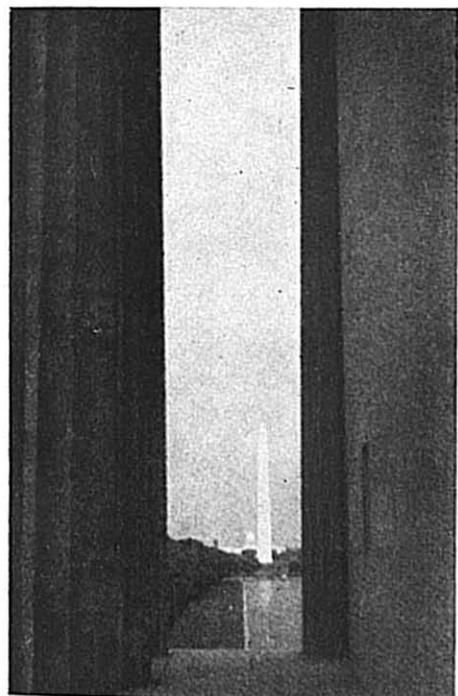


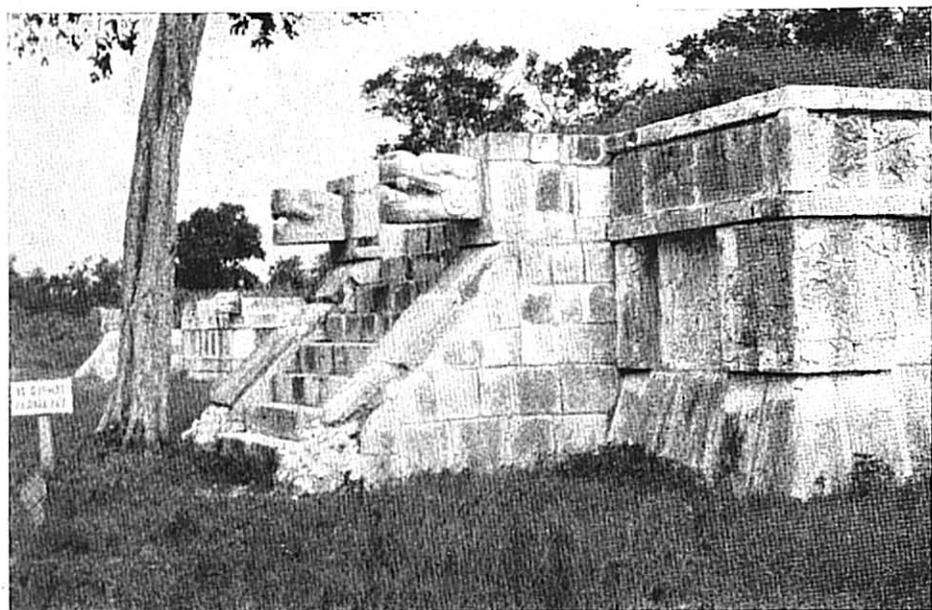
Foto 11



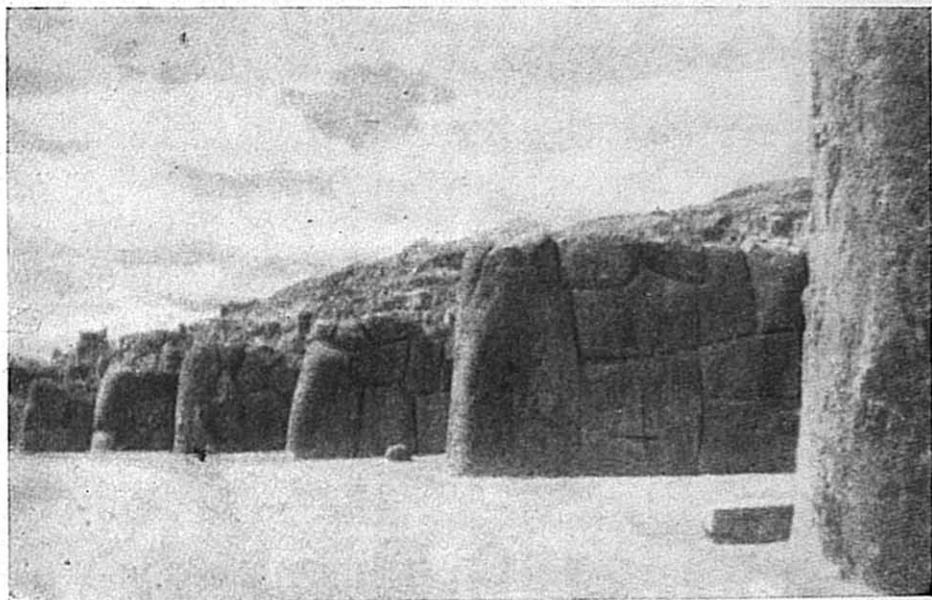
Fotos 12, 13 e 14

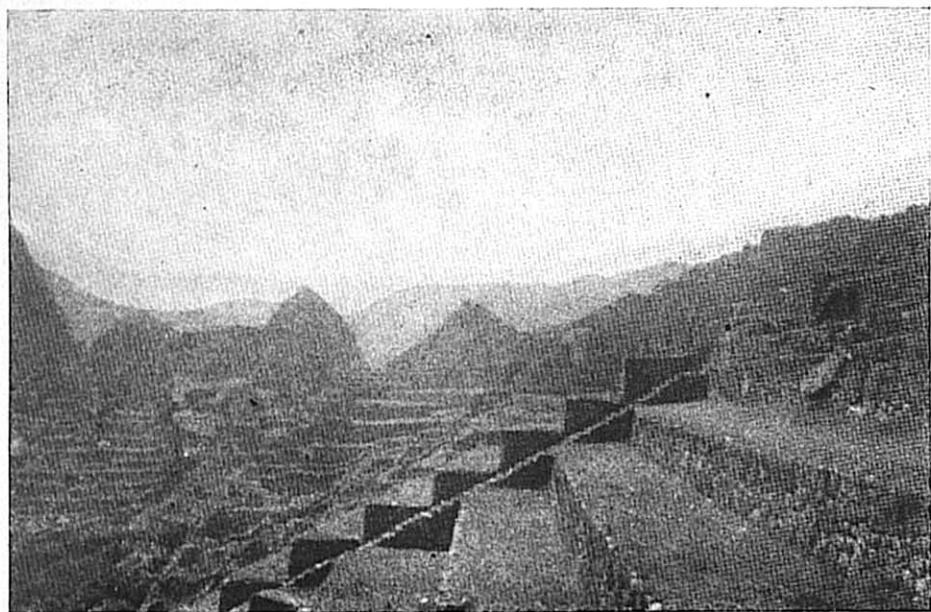






Fotos 15, 16 e 17





Fotos 18 e 19

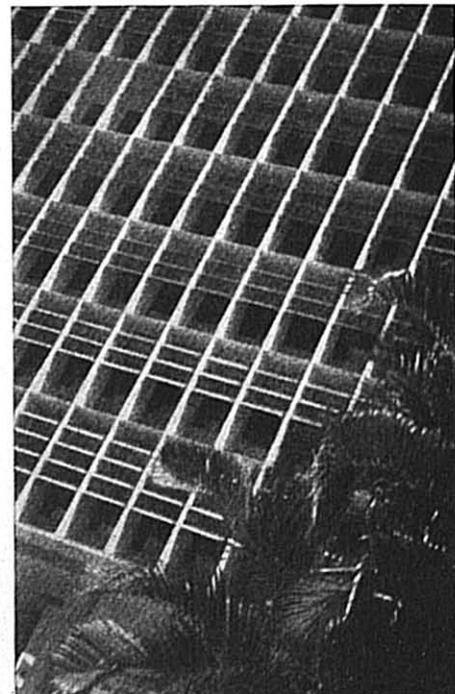
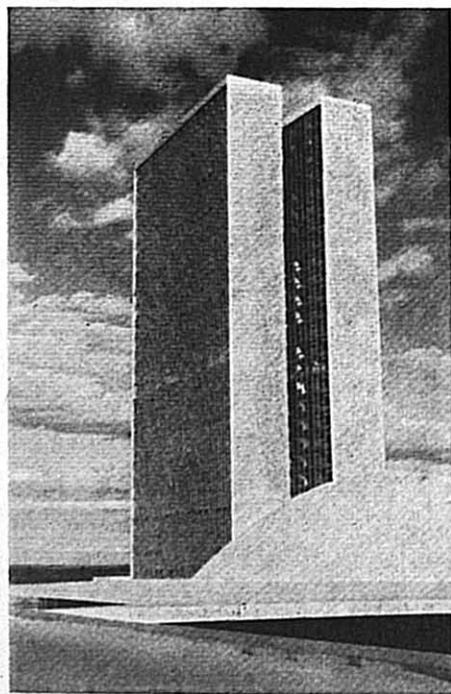


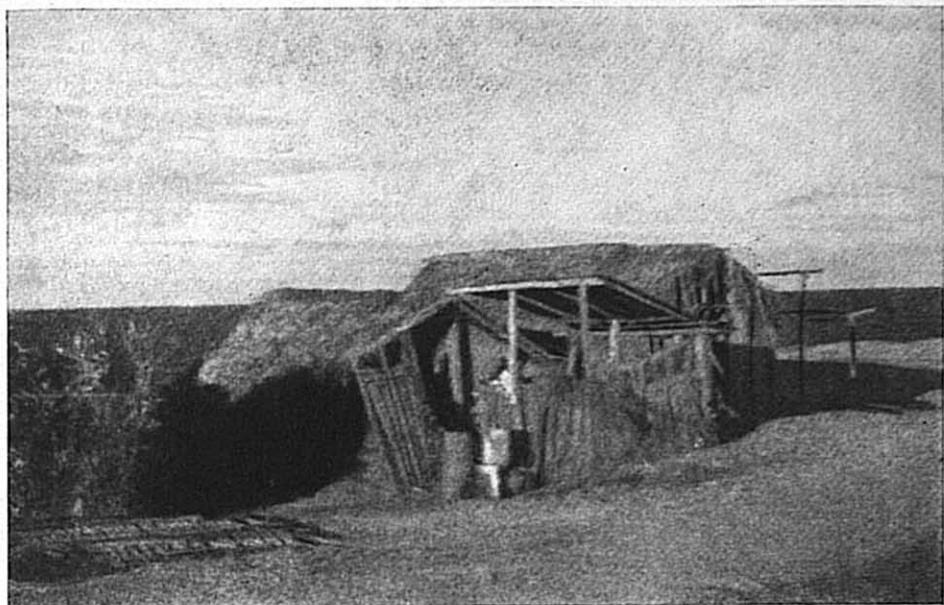
Fotos 22 e 23



Fotos 24 e 25







Fotos 30 e 31

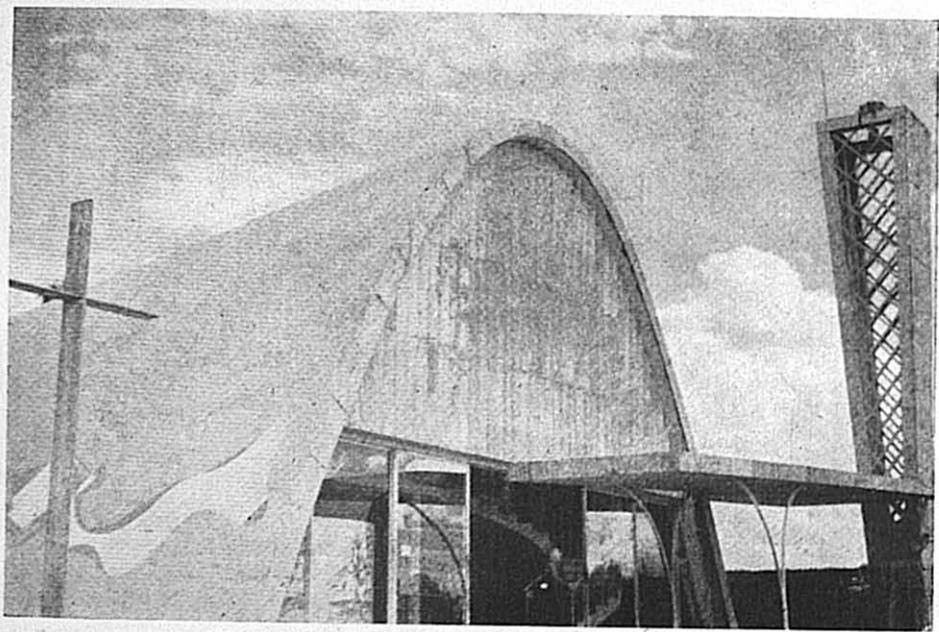


Foto 32